

Vale Paraibanos no Dicionário de Escritores Paulistas

Caçapava

BENEDITO GONÇALVES – Trabalhou em “O Jambuireense”, de Jambeiro, “A Semana”, de Caçapava, “O Paranapa-nema”, de Presidente Prudente, “O Imperial”, de Lins, “Gazeta”, de Garça. Bibliografia: “Espôsa virgem”; “Glória, amor e cocaína”.

BENEDITO REPUBLICANO BRASIL – Estudou as primeiras letras em Caçapava, a 15 de novembro de 1895. Cursou a Escola Normal de Guaratinguetá e a Escola de Odontologia e Farmácia de Pindamonhangaba, não tendo concluído este curso. Exerceu o magistério em S. Luís do Paraitinga e em Eugênio de Melo, onde foi diretor das Escolas Reunidas, assim também em Santa Luzia; adjunto e diretor do grupo escolar “Rui Barbosa”, de Caçapava e inspetor escolar de S. José dos campos, em cujo cargo se aposentou. Colaborou em vários jornais e revistas, entre as quais “O Regional”, de Caçapava, “Vida Moderna”, de S. Paulo, etc. Bibliografia: “Mimosa pudica”, versos, Caçapava, Ed. “O Regional”, 1923, 164 p., 16x12 cm.

FRANCISCO ALVES MOURÃO – Nasceu em Caçapava a 8 de junho de 1887. Fêz os preparatórios no Ginásio do Estado, nesta Capital. Matriculou-se, em 1919, na Faculdade de Direito de S. Paulo, cursando somente o primeiro ano. Delegado regional do Ensino no Estado de S. Paulo, onde fêz toda a carreira do magistério público. Secretariou o órgão republicano “Correio da Semana”, fundado, nesta Capital, em abril de 1910. Jornalista e escritor, colaborou em jornais e revistas da época. Educacionais. Bibliografia: “Palestras paternas”, Itatiba. Tip. de “A Reação”, 1920; “Pátria”, in “O Bom Ginasiano”, 1.ª série, por Máximo de Moura Santos e Francisco Lopes de Azevedo, Rio, Alves, 1942, pp. 25-26, 19x14 cm.

FRANCISCO DA ROCHA FERREIRA – Nasceu a 9 de março de 1897 em Caçapava, onde fêz os primeiros estudos. Cursou, a seguir, a Escola Normal desta capital, diplomando-se em 1918. Trabalhou sempre na imprensa, tendo sido redator do vespertino paulista “A Gazeta”, onde permaneceu de 1922 a 1926. De 1922 a 1924, redigiu “O Ateneu”. Figura, também, entre os redatores do “Correio Paulistano”. Estêve na Europa, quando da guerra ítalo-etíope, como repórter internacional. Colaborou na “Vida Moderna”, na “A Cigana”, na “A Garoa”, na “Ilustração Paulista”, etc., bem como em outras revistas e jornais do país. Escreveu para “Feira Literária”. Estreou-se, como autor, em 1917, ano em que editou o seu livro de versos “Sons”. Posteriormente, dedicou-se à ficção escrevendo romances e novelas. Várias de suas obras foram traduzidas, alcançando algumas três edições. Fêz conferências literárias e artísticas na Capital e no Interior. Diretor da Companhia Pan-Americana de Seguros. Poeta, romancista, homem de imprensa, conferencista, etc. “Um lindo livro “Sons”, aplausos”. (Olavo Bilac). Bibliografia: “Sons”, versos, São Paulo, Ed. “O Pensamento”, 1917, 24x17 cm; “Céus”, versos, São Paulo, Tip. Arlindo Alves, 1921, 86 p., 24x14 cm.; “Sóis”, versos, São Paulo, Tip. Arlindo Alves, 1922; “Sangue azul”, poemas em prosa, São Paulo, Ed. Livraria Zenith, 1923, 126 p., ils., 17x12 cm.; “O pecado original”, versos, São Paulo, M. Vítor, 1924; “Morrer na véspera”, romance, São Paulo, Irmãos Ferraz, 1926, 180 p., 19x14 cm.; “O fundo do espelho”, poemas, São Paulo, Ed. Livraria Hispano-Americana, 1929, 97 p., 19x14 cm.; “Morrer na véspera”, nova edição, 1929; “Morir en la víspera”, romance, tradução de B. Sánchez-Saez, Ercila, Santiago, Chile, 1930; “Tentação de ser feliz”, poemas em prosa, São Paulo, Emp. Gráf. “A Capital”, 1933, 160 p.; 19x14 cm.; “Glória”, versos, Rio, José Olímpio, 1935, 182 p., 18x14 cm; “Glória”, versos, tradução de Abner Petrone, Collezione Iberia, Salerno, 1937; “O pecado original”, 2.ª edição, com prefácio de Monteiro Lobato, São Paulo, “A Bôlsa do Livro”, 1944, 88 p.; “O pecado original”, tradução inglesa de W. Saddler, 1946; “Morrer na véspera”, 3.ª ed., 1946; “Tentacion de ser feliz”, tradução de Claudia Blasquez, Madrid, Ed. Ibéria, 1951; “O poeta soneto do Bem”, in “Coletânea de Poetas Paulistas”, por Eneas de Moura, Rio, Minerva, 1951, p. 142.

HERMÓGENES EDGAR PORTES – Nasceu a 19 de abril de 1896. Faleceu nesta Capital a 8 de agosto de 1948. Fêz os primeiros estudos em sua cidade natal no Grupo Escolar “Rui Barbosa”. Ocupou, na mocidade, o cargo de oficial do Registro Geral e de Hipotecas. Jornalista vocacional, aos 10 anos de idade distribuía folhetins manuscritos, escritos de parceria com Genaro Rodrigues. Mais tarde, fundou, com Ledo Sousa, o periódico crítico e humorístico “O Parafuso” e, com Décio Abramo, a revista “Filmundo” e “Discos e Música”. Colaborou no “Jornal do Povo”, no “O Regional”, etc. Em 1924, veio para a Capital, onde se fixou, tendo sido diretor da APISP. Em meio à vida de jornal e de boêmia, escreveu diversos livros. “Sem luar e sem sabiá”, foi censurado pelo D.C.I., que lhe cortou diversos trechos. Foi comerciante. Poeta, contista, novelista, etc. Bibliografia: “Mulheres de todo mundo”, contos e novelas, S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1927; “Catecismo do P.R.P.”, S. Paulo, 1936; “Sem luar e sem sabiá”, versos, obra mutilada pela Censura, S. Paulo, 1938; “Versos e reversos das moedas brasileiras”, S. Paulo, 1940; “Mulheres de todo o mundo”, 2.ª ed., S. Paulo, 1944; “Sem luar e sem sabiá”, 2.ª ed., S. Paulo, Emp. Gráf. “Revista dos Tribunais”, 1948, 119 p.

João Machado Gaia – Nasceu a 1.º de março de 1906. Já falecido. Iniciou os estudos primários em 1914 no Grupo Escolar “Rui Barbosa”, passando, em 1916, a frequentar o Grupo Escolar de Botucatu, para onde se transferiram seus pais, que, no ano seguinte, retornaram ao Vale do Paraíba, fixando-se em Cachoeira Paulista. Matriculou-se no Grupo Escolar “Dr. Evangelista Rodrigues”. Colaborou em revistas e jornais da zona e, tendo vocação para a literatura teatral, escreveu duas peças, que foram várias vezes representadas. Poeta e teatrólogo. Bibliografia: “Nhô Pafúncio”, revista em um prólogo e dois atos, Cachoeira Paulista, 1926; “Isso agora é seu”, revista, Cachoeira Paulista, 1926.

JOSÉ BENEDITO DE OLIVEIRA CHINA – Nasceu a 3 de novembro de 1874. Faleceu nesta capital a 10 de fevereiro de 1941. Frequentou escolas primárias em sua cidade natal e em S. Paulo (1886-1887). Também foi aluno do Curso Anexo e do de Suficiência da Escola Normal (1888). Professor e proprietário do “Colégio de Taubaté”. Exerceu, por muito tempo, o cargo de gerente da Imprensa Oficial do Estado, tendo sido, diversas vezes, diretor em comissão (1931-1939). Colaborou no “Correio Paulistano” (1916-1921), “Diário Popular”, “Jornal do Comércio” (Rio de Janeiro), “Pátria Livre”, “Brasília”, “Revista da Língua Portuguesa”, “Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”, etc. Ensaísta. Bibliografia: “O emprego da crase em português”, S. Paulo, Ed. Pocaí & Cia., 1917, 79 p.; “Estudos de filologia e linguística”, S. Paulo, Ed. Spadari & Cia., 1924, 36 p.; “Os ciganos do Brasil (subsídios históricos, etnográficos e linguísticos), S. Paulo, Imprensa Oficial, 1936, 329 p., 23x16 cm.

JOSÉ DO AMARAL GURGEL – Nasceu a 8 de março de 1883. Advogou em Caçapava e nesta Capital. Naquela cidade, exerceu o cargo de tabelião. Foi chefe de Gabinete da Secretaria da Justiça, de 1939 a 1940. Atualmente exerce o cargo de oficial de Registro de Títulos e Documentos, cargo para o qual foi nomeado mediante concurso. A sua conferência “A árvore”, publicada em 1920, foi ilustrada por Monteiro Lobato. Fêz outras conferências, tendo o “Jornal do Comércio”, do Rio, publicado, em 1943, um capítulo de sua obra “S. Jerônimo”, que a Livraria Acadêmica veio a editar em 1950. Escreveu vários trabalhos jurídicos e de interesse profissional do fôro de S. Paulo. Preparou uma edição em três volumes de seu livro “Registros públicos”, cuja primeira edição data de 1929. Colaborador do “Jornal do Comércio” e de “O Jornal”, do Rio; do “Correio Paulistano”, de S. Paulo. Conferencista, historiador, crítico, ensaísta, etc. Bibliografia: “A árvore”, conferência, ilustrada por Monteiro Lobato, S. Paulo, 1920; “A poesia do passado”, conferência literária, Ed. “Regional”, 1927; “O misticismo na literatura”, Ed. “O Povo”, 1928; “S. Jerônimo”, S. Paulo, Saraiva, 1950, 192 p., 23x15 cm.

JOSÉ VICENTE DE FREITAS MARCONDES – Nasceu a 19 de dezembro de 1911. Fêz o curso primário no grupo escolar “Rui Barbosa”, de sua cidade natal, e o secundário na Escola Normal de Guaratinguetá (1935) e o superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1939), na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. Fêz um curso de extensão cultural nos Estados Unidos, aperfeiçoando-se em sociologia rural na Vanderbilt University e no George Peabody College, em Nashville (Tennessee), tendo fundado, na primeira universidade, o Clube Brasileiro, órgão do “Institute for Brazilian Studies”. Lecionou sociologia educacional na Escola Normal Livre “Rodrigues Alves”. Membro da Sociedade Paulista de Escritores, funcionário da Divisão de Organização e Orçamento do D.S.P. Ensaísta, historiador, etc. Bibliografia: “A penitenciária agrícola de Itamaracá”, S. Paulo, Tip. Rothschild Loureiro, 1945, 10 p.; “Quarenta anos de atividades escolares”, estudo histórico sociológico, de parceria com Luís Guimarães de Almeida, S. Paulo, Tip. Rothschild Loureiro, 1945, 14 p.

LOURIVAL BASTOS – Usa os pseudônimos de “Nelson”, “Paraíba”, “Gastão” e “Rivarol”. Fêz parte como fundador, do “Jardim da Academia” da Estrada de Ferro Sorocabana. Funcionário da E. F. Sorocabana. Conquistou, 1930, o primeiro lugar no concurso de contos do “Diário de S. Paulo”, e, em 1932, o de crítica literária da “Fôlha da Manhã”. Colaborador de “Ilustração Nossa Estrada”, onde publicou diversos contos. Contista, crítico, ensaísta e tradutor. Bibliografia: “Bola de sebo”, de Maupassant, Ed. Unitas, 1933.

NELSON (DO) AMARAL – Nasceu a 7 de maio de 1917. Fêz o curso primário em grupo escolar de S. José dos Campos. Ingressou, para estudar finanças, na Escola de Comércio “Olavo Bilac”, daquela cidade. Teve, porém, de interromper o curso, em consequência de um ato do ministro da Educação, que cassou o direito da turma fundadora. No jornal do grêmio estudantino, iniciou a sua carreira literária. Depois, continuou a escrever para “O Malho” e outras revistas paulistas e cariocas. Foi premiado, como conteur, em concursos de “Boa Nova”, “Fan-Magazine”, “Contos Magazine”, “Brasilidade”, etc. Funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas, departamento de Estradas de Rodagem. Membro da Sociedade Paulista de Escritores. Vai reunir os contos e prepara um romance. Contista e romancista.

OTACÍLIO GOMES (JEREMIAS) – Nasceu a 27 de novembro de 1893. Fêz os primeiros estudos em escola particular de Jaú, onde frequentou, a seguir, o Ateneu Jaiense. Naquela cidade, foi, de 1923 a 1934, diretor do “Comércio de Jaú”, tendo sido tesoureiro e depois secretário da Prefeitura Municipal. Em 1945, mudou-se para esta capital, ingressando, como redator secretário da “Fôlha Manhã”. Secretariou, em 1945,

o “Jornal de S. Paulo”. Antes trabalhara na imprensa santista e carioca. Em Santos, conquistou, em 1915 e 1916, o primeiro prêmio de poesias satíricas nos Jogos Florais organizados pelo Liceu Feminino Santista, sob o patrocínio da Prefeitura. No Rio, fêz parte da redação de “D. Quixote”, mantendo nessa revista várias secções humorísticas, em prosa e verso. Colaborou em numerosos jornais e revistas do país, entre os quais “A Cigarra”, “A Vila Moderna”, “Planalto”, “O Estadinho”, desta capital; “A Tribuna”, “Diário de Santos”, “A Fita”, “Miramar”, etc., de Santos. Sua secção “Canto chorado”, glosando humoristicamente, sob o pseudônimo de “Jeremias”, os acontecimentos do dia-a-dia, foi publicada longo tempo na “Fôlha da Manhã” e, mais tarde, no “Jornal de S. Paulo”. Lançado pela Editora Monteiro Lobato, publicou, em 1923, “Os filhos da Candinha”. Diretor dos Serviços Legislativos da Câmara Municipal. Membro da Sociedade Paulista de Escritores. Poeta satírico, humorista, etc. Bibliografia: “Os filhos da Candinha”, S. Paulo, Ed. Monteiro Lobato, 1923, 115 p.

Cachoeira Paulista

CRISANTO SIQUEIRA – Nasceu em Jataí, município de Cachoeira, depois Valparaíba e hoje Cachoeira Paulista, a 10 de março de 1913. Primeiros estudos na Escola Modelo anexa ao atual Colégio e Escola Normal Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves”, de Guaratinguetá, e no Curso Primário anexo ao Ginásio “Nogueira da Gama”. Contador diplomado pela Escola de Comércio “Antônio Rodrigues Alves”. Professor de inglês desde 1932 (Ginásio Municipal de Pindamonhangaba), na Escola de Comércio “Antônio Rodrigues Alves” e na Escola Técnica de Comércio “Dr. João Romeiro”; e, mediante concurso, da Escola Normal e no Ginásio Estadual. Aperfeiçoamentos nos Estados Unidos, no Peabody College, de Nashville, Tennessee e na Universidade de Indiana, de Bloomington, Indiana (Bolsa de estudos obtida em 1945, na União Cultural Brasil-Estados Unidos, por ocasião do quinto seminário de verão para professores de inglês, ali realizado). Seus trabalhos em prosa e verso, originais e traduções, têm sido publicados em vários jornais e revistas: “O Estudante”, “Correio Popular”, “Correio Paulista”, “O Grêmio”, “O Eco”, “A Cruzada”, “O Pensamento”, “O Paraíba”, de Guaratinguetá; “A Cidade”, de Aparecida do Norte; “A Tribuna do Norte”, de Pindamonhangaba; “The Times of Brasil”, de São Paulo. Membro da Sociedade Paulista de Escritores. Bibliografia: “Breviário de gramática inglesa”.

JOSÉ DE BARROS PINTO – Nasceu em 1919. Fêz o curso primário na cidade de Itajubá (Minas Gerais). Em 1931 veio para S. Paulo, matriculando-se no Ginásio do Estado. Em 1939 ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, licenciando-se em filosofia e ciências sociais com a turma de 1941. Em 1946 entrou para a Faculdade de Direito, tendo concluído o curso em 1951. Após lecionar alguns anos em Caçapava, como professor de sociologia na Escola Normal, fixou-se nesta Capital, onde é assistente do prof. Roberto Pinto de Sousa na Faculdade de Ciências Econômicas. Como homem de letras, apareceu primeiro assinando artigos em jornais e revistas, além de várias traduções. Quando estudante da Faculdade de Filosofia, foi presidente de seu “Grêmio”, tendo participado das atividades teatrais universitárias. Membro do Grupo de Teatro Experimental, representou ao lado dos atuais atores do Teatro Brasileiro de Comédia. Tinha 17 anos de idade ao iniciar a vida jornalística na revisão das “Fôlhas”. Depois de formado, trabalhou no City Bank e, a seguir, dedicou-se à tradução. Em 1951, obteve o prêmio “Fábio Prado” com seu romance “A Jangada”. Romancista, tradutor, contista, jornalista, etc. Bibliografia: “A jangada”, romance, prêmio “Fábio Prado” de 1951, instituído pela Sociedade Paulista de Escritores, S. Paulo, 1951.

OVÍDIO DE CASTRO – Nasceu a 3 de junho de 1893 na cidade de Cachoeira, depois denominada Valparaíba e agora Cachoeira Paulista. Frequentou quatro escolas públicas. Autodidata. Cedo ingressou no jornalismo; aos 15 anos de idade já escrevia versos. Tipógrafo, fundou “A Notícia”, órgão literário e noticioso. Como poeta, tem participado de vários concursos da arte, na região e no Rio de Janeiro. Bibliografia: “Prata da casa”, versos, Cachoeira Paulista, Estab. Gráf. Cachoeira, 1939, 60 p., 21x12 cm.

RUTH GUIMARÃES BOTELHO – Nasceu em Cachoeira Paulista, Valparaíba, a 13 de junho de 1920. Aos três anos de idade, foi morar numa fazenda do sul de Minas Gerais. Frequentou o grupo escolar da terra de seu nascimento, a Escola Normal de Lorena, a Escola Normal de Guaratinguetá e a Escola Normal Padre Anchieta, da Capital. Poetisa desde 10 anos, colaborou na imprensa cachoeirense, tendo também escrito para outros periódicos do Vale do Paraíba. Mais tarde, já com 18 anos de idade, veio para esta Capital, onde se empregou. A partir de 1938, publicou, com frequência, contos e crônicas em jornais e revistas de S. Paulo e do Rio de Janeiro. Estreou-se como romancista em 1946, lançando “Água Funda”. A par da ficção e da poesia, tem-se dedicado, ultimamente, ao folclore, escrevendo sobre o assunto especialmente na “Fôlha da Manhã”. Pertence à Sociedade Paulista de Escritores de S. Paulo, ao Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, etc.. Colaboradora do “Correio Paulistano”. Folclorista. Bibliografia: “Água Funda”, romance folclórico, Pôrto Alegre, Ed. Livraria do Globo, 1946, 204 p., 19x13 cm.; “Poemas”, 1947; “O diabo no folclore”; “Os filhos do medo”, romance folclórico sobre a história dos duendes através dos tempos, Pôrto Alegre, Ed. Livraria do Globo, 1950, 205 p..

TEÓFILO FERREIRA DE ALMEIDA – Nasceu a 8 de dezembro de 1862. Já falecido. Dedicou-se ao comércio, tendo exercido, em sua terra natal, os cargos de vereador e intendente municipal. Como jornalista, fundou e dirigiu “O Cachoeirense”, primeiro jornal aparecido na cidade. Depois, transferiu residência para Jacareí, onde fundou o “Estabelecimento Gráfico Musical”. Iniciou e publicou o “Anuário Jacareense”. Bibliografia: “Anuário Jacareense”, 1906.

VALDOMIRO SILVEIRA – Nasceu a 11 de novembro de 1873. Faleceu em Santos a 3 de junho de 1941. Aos dois anos de idade, veio para esta capital, com a família, que, em 1889, passou a residir em Casa Branca. Data deste ano a publicação de seu soneto “Desesperança” na “Gazeta do Povo”. Matriculou-se, em 1891, na Faculdade de Direito. Colaborou no “O Mercantil”, que, a 19 de maio, estampou uma crônica de sua autoria intitulada “Apostasia”, proscrevendo o verso. Formado em 1895, foi escolhido orador da turma. Exerceu a advocacia em Casa Branca, mudando-se, a seguir, para Santa Cruz do Rio Pardo, onde ocupou, de 1895 a 1927, o cargo de promotor público, época em que estampou no “O País”, do Rio de Janeiro, o seu primeiro conto. “O Rabicho” saiu no “Diário Popular”, desta capital, a 13 de setembro de 1894, tornando-o pioneiro da literatura regional brasileira, segundo Agenor Silveira. (Afonso Arinos somente apareceu em 1898). Euclides da Cunha o tinha em grande conta. Não raras vezes telegrafou para Casa Branca chamando-o a S. José do Rio Pardo, para ouvir trechos dos “Sertões”. Casando-se em 1905, passou a residir em Santos, onde advogou com Martim Francisco. Figurou entre os mais frequentes colaboradores de “A Bruxa”, periódico fundado por Olavo Bilac. Entre 1901 a 1906, escreveu assiduamente para o “Estado de S. Paulo”. Iniciou vida política na dissidência de Prudente de Moraes. Não se filiou posteriormente a partido algum. Tomou parte na campanha civilista em favor de Rui Barbosa, Pereira Barreto e Heitor de Moraes. Em Santos, foi o líder civil do movimento constitucionalista. Secretário da Educação no governo Armando de Sales Oliveira e, depois, secretário da Justiça (1933). Também exerceu o cargo de Secretário da Segurança Pública, foi deputado estadual, deputado constituinte, presidente da Assembléia Legislativa do Estado, presidente da Ordem dos Advogados, sub-seção de Santos, onde desempenhou as funções de consultor jurídico da Associação Comercial. Quando estudante, escreveu, também, para “A Opinião”, “Gazeta de Notícias”, “A Bruxa”, “Azul”, “O Filhote”, “Kosmos”, etc. Dirigiu “A Tribuna”, de Santos. Tinha grande amor ao vernáculo, lendo preferentemente os clássicos. Pouco antes de morrer, disse a Manuel Carlos: “Cheguei ao fim da vida sem jamais perder uma amizade”. Membro da Academia Paulista de Letras. Usou, entre outros, os pseudônimos de “Flávio Alcindor”, “Alemócrita”, “Valzé”, “Flávio Sol”, “Silich Vane”, “Vicente Velho” e “Valdoro”. “Mais artista e purista dentro da mesma preocupação de espelhar um clima sertanejo” (Sérgio Milliet). “Colorista da natureza, desenha muito bem os caracteres, e nos lances mais incisivos chega a atingir à poupança clássica” (Agripino Grieco). “Reprodução viva e palpitante da realidade, perfeita concentração e expressão local, originalmente espontânea e pitoresca, tudo concorre para fazer de seus contos uma pequena jóia modelar de regionalismo literário” (Tristão de Ataíde). “Valdomiro parecia erguer, como um mágico de dotes invulgares, a arte do chão” (Cândido Mota Filho). “O autor dos “Caboclos” possui, de fato, êste raro senso crítico, pelo qual se afasta tanto do bizarrismo artificioso e da verbalidade bulhenta, como do velho tom de classicismo obsoleto, polindo e dutilizando, na oportunidade e graça da aplicação dos termos agrestes do caipira” (Fernando de Azevedo). “A crítica o considera o criador da literatura regional do Brasil” (Henrique Perdigão). “Valdomiro punha o ouvido à boca do homem do sertão (Spencer Vampré); “Foi um dos maiores contistas sertanejos do Brasil” (Raimundo Menezes). “Cenário, tipo, situações, tudo isso tem no livro do sr. Valdomiro Silveira, [...] uma precisão de fotografia. Para não desvirtuar essa exatidão, não procurou o autor, siquer, dramatizar as cenas, sacrificando a verdade ao efeito” (Humberto de Campos). “Valdomiro foi o criador da literatura regional” (Agenor Silveira). Bibliografia: “Os caboclos”, contos regionais, S. Paulo, Cia. Gráf. Monteiro Lobato, 1920, 220 p., 16,5x12 cm; “A última carpa”, conto, in “Feira Literária”, 1927; “Nas serras e nas furnas”, S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1931; “Mixuângos”, Rio, José Olímpio, 1937, 258 p.; “Vicente de Carvalho”, discurso, 1937; “Paulo Eiró”, in “Revista da Academia Paulista de Letras”, S. Paulo, 2; “Mágoa oculta”, conto, in “O Bom Ginásiano”, por Máximo de Moura Santos e Francisco Lopes de Azevedo, Rio. Alves, 1942, p. 201-203; “Lérias – histórias contadas por eles mesmos”, S. Paulo, Martins, 1945, 206 p.; “Desesperança”, soneto, in “Studium”, 1, 1950; “Natal de Lourenção”, conto sob o pseudônimo de “Aldo Ney”, in “Revista da Academia Paulista de Letras”, S. Paulo, 55:55-60, dez., 1951.

Campos do Jordão

JOSÉ ARMANDO VICENTE DE AZEVEDO – Nasceu a 12 de novembro de 1903 na “Fazenda São Francisco” (Campos do Jordão). Fêz os estudos primários e secundários nesta capital, no Colégio Stafford e Ginásio de São Bento. Diplomado, em 1925, pela Escola Politécnica de São Paulo. Engenheiro Civil. Formado, no mesmo ano, em filosofia e letras, pela Faculdade de São Bento, anexa à Universidade de Louvain. Sócio efetivo, correspondente ou honorário de numerosos institutos e associações culturais, de história, numismática e engenharia. Historiador. Bibliografia: “A efígie de D. João V”, São Paulo, 1948, 18 p. 23x15 cm; “A Ordem de Santo Huberto de Lorena e Bar.”. São Paulo, 1949, 26 p. 23x16 cm.

ANTONIETA BORGES ALVES SANTOS – Nasceu a 18 de setembro de 1906. Fêz os primeiros estudos no Grupo Escolar do Cambuci, nesta capital, onde frequentou a Escola Profissional Feminina. Fêz o curso de madureza e o de samaritana na Cruz Vermelha Brasileira. Em 1936, começou a colaborar em “O Operário”. Exerce o magistério particular e se dedica ao jornalismo. Fêz várias conferências e escreve para o teatro. Poetisa, teatróloga, conferencista, etc. Membro da Sociedade Paulista de Escritores. Bibliografia: “Teclas pretas e brancas”, versos, com prefácio de Arlindo Veiga dos Santos, S. Paulo, Gráf. Mangione, 1939, 19x14 cm.

ANTONIO CARLOS DA GAMA RODRIGUES – Nasceu a 16 de abril de 1902. Fêz o curso secundário no Ginásio S. Joaquim, de Lorena. Formado, em 1926, pela Faculdade de Medicina de S. Paulo, que lhe conferiu o prêmio “Carlos Botelho”. Terminado o curso médio, fêz longa viagem pela Europa e pelo Oriente Próximo. De regresso ao Brasil, fundou, em Guaratinguetá, o Instituto de Cirurgia “Gama Rodrigues”. Foi médico-cirurgião do Asilo Colônia Santo Ângelo, médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia, etc. Em 1933, seguiu para os Estados Unidos, onde fêz curso de especialização de neurocirurgia no Serviço do Prof. Harvey Cushing, na Harvard Medical School de Boston (Mass). Visitou, antes de seu regresso, o Japão, a China e a Índia. Livre-docente da Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo. Membro da Associação Paulista de Medicina, da Sociedade Paulista de Medicina e Cirurgia, da Associação dos Médicos do Instituto “Penido Burnier”, sócio-fundador da União Cultural Brasil-Estados Unidos, presidente do Capítulo Brasileiro do Colégio Internacional de Cirurgiões, “honorary fellow”, membro do “Board of Trustee” e doutor “honoris causa” de tôdas as universidades argentias, etc. Bibliografia: “Transfusão de sangue”, S. Paulo, Ed. Unitas, 1932, 164 p., ils., 18x13,5 cm.; “Tumores cerebrais. Considerações clínicas e terapêuticas”, de parceria com o dr. Enjolras Vampré, Rio, Flores & Mano, 1935, 159 p., ils., 23x16 cm.; “Contribuição para o estudo das nevralgias do trigêmeo”, S. Paulo, Emp. Gráf. “Revista dos Tribunais”, 1938, 128 p., ilus. tab. diagr. 32,5x24 cm.; “Tumores cranianos”, 1952; “Ci-rurgia cerebral”, 1952.

HILTON FEDERICI – Nasceu a 9 de março de 1913. Fêz os estudos secundários no Ginásio São Joaquim, de Lorena (1926-1931) e Escola Normal Municipal de sua cidade natal. Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo. Fêz o curso de formação pedagógica do Professor Secundário. Professor de Geografia do Colégio Culto à Ciência, de Campinas, e professor de História Geral e do Brasil, do Ginásio de Caçapava (1939-1940), de Geografia Geral e do Brasil, do Ginásio de Itapira (1940-1944) e da Escola Normal de Guaratinguetá, a partir de 1944. Foi secretário do Instituto Cruzeiro. Trabalhou no “Diário de São Paulo”. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Associação dos Ginasianos Brasileiros, etc. Historiador e ensaísta. Em 1943, entrou para a redação da “Cidade de Itapira”. Bibliografia: “Investigação histórico-geográfica sôbre Cruzeiro”, Coleção Instituto, Cruzeiro, 1935; “Esbôço histórico de Cruzeiro”, Coleção Instituto, Cruzeiro, 1937.

MARIA IDALINA MENDONÇA JACOBINA – Coursou a Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, em Araguari (Minas). Verseja desde a adolescência. Transportando-se para a Capital Federal, passou a escrever novelas, sendo algumas delas radiofonizadas. Suas produções poéticas, ainda não enfeitadas em livro, acham-se esparsas em jornais e revistas. É funcionária do Instituto dos Industriários. Poetisa, romancista, radialista, etc. Bibliografia: “A primeira história”, “Destino”, “Revolta”, “Vida” e “O poema do nosso amor”, poesias in “Antologia de Poetas da Nova Geração”, Rio, Pongetti, 1950, p. 135 a 142; “Carnaval” e “Para você”, poesias, in “A moderna poesia brasileira”, por Alcides Pinto, Rio, Pongetti, 1951, p. 15 a 19.

Do Livro “**Dicionário de Autores Paulista**”, São Paulo, 1954, de Luis Correia de Melo.